

RESENHA

HISTÓRIA DA TEOLOGIA CRISTÃ

Carlos Eduardo P. de Mello

Mestre em Botânica pela UNESP. Pós-graduando em teologia bíblica e estudos teológicos. Professor do curso de pós-graduação em Medicina preventiva e natural do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Email: carlosepmello@hotmail.com

OLSON, R E. **A História da Teologia Cristã**: 2.000 anos de tradição e reformas. 1ª.ed. São Paulo, SP, Editora Cultura Cristã, 2001. 668 páginas. Preço R\$ 39,00

O Dr. Roger Olson nasceu em Des Moines, Iowa em 02 de fevereiro de 1952. Possui título de Ph.D. em Religious Studies, pela Rice University, Houston, Texas onde concluiu em 1984. Lecionou na Faculdade e Seminário Bethel, em St. Paul, Minnesota, por mais de 15 anos sendo editor da *Christian Scholar's Review*. É membro da Baptist General Conference, uma convenção batista de origem sueca nos Estados. O Dr. Olson possui uma produção literária muito vasta, principalmente na produção de artigos publicados em periódicos como o *The Scottish Journal of Theology* e *Perspectives on Religious Studies*. Publicou dois livros importantes traduzidos para o português *Quem precisa de Teologia?* (Editora Vida) e *A teologia do século 20* (Cultura Cristã) em co-autoria com o Dr. Stanley J. Grenz. Atualmente é professor de Teologia no George W. Truett Theological Seminary, Baylor University desde 1999.

O livro “A História da Teologia Cristã: 2.000 anos de tradição e reformas” aponta para as serias reflexões no âmbito da teologia e da filosofia desde os primórdios teológicos da igreja no século II até o entendimento do cristianismo contemporâneo. É importante compreender que os pensadores e eruditos cristãos que contribuíram para o desenvolvimento da teologia ao longo dos séculos construíram uma metodologia de entendimento de Deus baseado em pressuposições e conhecimentos empíricos que



influenciaram gerações de teólogos modernos. Sendo assim, devemos considerar que a escolha de um método de análise para qualquer tipo de ciência interfere diretamente na interpretação, compreensão e aplicação ao objeto da pesquisa a ser realizada. Por detrás de qualquer método ou metodologia existe um sujeito idealizador carregado de ideias pré-estabelecidas. Um exemplo a ser observado é do conhecido geólogo evolucionista Stephen Jay Gould. Gould produziu vários modelos naturalistas e entre eles idealizou a teoria do equilíbrio pontuado, baseado em seus pressupostos marxistas. Parte da comunidade científica rejeitou seus modelos “evolucionistas marxistas”¹. No âmbito da teologia cristã os pressupostos também definem a interpretação da realidade interferindo diretamente no processo hermenêutico das escrituras sagradas.

Neste contexto a presente obra difere de inúmeros livros sobre a história da teologia devido em primeiro lugar o autor considerar que Deus atua de forma direta na história humana “*Ao mesmo tempo não consigo ocultar o fato de que Deus nunca esteve ausente da igreja, mesmo nas eras de trevas durante as quais a luz da verdade tinha pouco brilho. Se há algum ‘herói’ nesta história não é Constantino nem Atanásio (...) mas o próprio Deus a quem pertence toda honra e glória*” (p. 22). Podemos considerar que para o Dr. Olson, Deus não é imanente, e sim, um Ser histórico (Ex 25:8; Jo 1:1-14) e a Sua revelação, ou seja, Seus conteúdos cognitivos ocorrem no fluxo espaço-temporal da história humana. Outro aspecto importante é que sua narrativa disponibiliza um quadro mental da história ao leitor com pouco ou nenhum conhecimento teológico ou histórico “*leigos e estudantes cristãos, sem qualquer noção teológica, e também para pastores cristãos interessados numa ‘recapitulação’ da teologia histórica*” (p. 14). O Dr. Olson, portanto, preencheu uma importante lacuna a literatura histórica cristã, tornando-a mais compreensível e proporcionando um “*panorama modesto dos pontos de especial interesse na teologia histórica cristã, para leitores que talvez não tenham o menor conhecimento ou noção dessa história fascinante*” (p. 15). Este livro também atende a recomendações de sistemas educacionais modernos, como o MEC, por exemplo, que considera que uma boa dissertação ou uma tese deve ser perfeitamente compreensível a diversos indivíduos de diversas áreas de atuação.

¹ BORGES, M. *Porque Creio: Doze pesquisadores falam sobre ciência e religião*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008, 224 páginas.



No primeiro contato com o livro, ao percorrer suas páginas, o leitor, se depara com uma diagramação bem estruturada e objetiva. Olson estabelece uma linha temporal dos pontos que considera os mais importantes no desenvolvimento da teologia dividindo 2.000 anos de tradições e reformas em nove partes dispostas em trinta e cinco capítulos, onde a sexta parte é subdividida em somente três capítulos. No que se refere aos primeiros mil anos da teologia histórica (p. 27-316) o autor enfoca primariamente os principais personagens do desenvolvimento da igreja, os importantes concílios e as respostas dos primeiros heresiólogos da igreja aos aspectos e influências da filosofia Platônica, Aristotélica e do paganismo que futuramente culminaram em inúmeros conflitos teológicos entre o Oriente e o Ocidente até o estopim com a Grande Cisão. Um aspecto importante a ser comentado na exposição do Dr. Olson é que em toda sua extensão desde os conflitos do segundo século até as teologias contemporâneas do final do século XX, o autor se vale de fontes muito bem escolhidas e também primárias onde proporcionam a esta obra confiabilidade literária. Após os mil anos e o Grande Cisma, Olson, aborda o período medieval, onde prioriza aspectos de uma nova perspectiva teológica com o escolasticismo personagens como Anselmo, Abelardo e principalmente um destaque a Tomás de Aquino. O autor ainda traz as tensões da pré-reforma no século XII com os movimentos de insubordinação a Igreja Católica com John Wycliffe, Valdenses, Lollardismo, Hussismo. Ferreira^{2,3} considera que a esta parte do período medieval não deveriam faltar “*a inclusão de material sobre Duns Scotus e Bonaventura (teólogo místico franciscano), Gabriel Biel (teólogo alemão da mais recente escola medieval, conhecida por via moderna), e talvez Jan Hus, junto com um capítulo com mais menções à teologia dos humanistas, teria fortalecido esta seção do livro consideravelmente*”.

Após o período da pré-reforma, Olson continua sua exposição do ápice do rompimento do catolicismo em 1517, com o padre alemão Martinho Lutero, a conhecida Reforma Protestante. Além de mostrar os principais personagens e as principais tradições cristãs, Olson, organiza um conjunto total dos reformadores do século XVI dividindo-os em

² Franklin Ferreira, doutor em teologia, é professor de Teologia Sistemática e História da Igreja no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e na Escola de Pastores, ambos no Rio de Janeiro.

³ OLSON, R. E. *A História da Teologia Cristã: 2.000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, 668 páginas. Resenha de FERREIRA, F. *A História da Teologia Cristã: 2.000 anos de tradição e reformas*. *Fides Reformata*, VIII, nº 1, 2003, p. 137-140. Consultado em 10 de novembro de 2010. <<http://www.mackenzie.br/artigos.html>>.



duas categorias: a reforma magisterial com os reformadores Alemães, franco-suíços e ingleses (Lutero, Ulrico Zuínglio, João Calvino, Richard Hooker, Tomás Cranmer, entre outros) e a Reforma radical com os precursores Anabatistas (Baltazar Hubmaier e Menno Simons (Menonitas) e todos os protestantes da Europa do século XVI que acreditavam em seus ideais teológicos. O autor também discorre sobre o período da contra-reforma culminando no que seria a peça central da reforma católica: o concílio de Trento. Em resenha crítica ao mesmo livro em análise o Dr. Franklin Ferreira⁴ não concorda com a perspectiva de Roger Olson a respeito de João Calvino e se expressa da seguinte maneira: *“Da perspectiva de Olson, Calvino parece ser um pensador muito pouco original, que “baseou-se em Lutero, Zuínglio e no reformador de Estrasburgo, Bucer, e aproveitou muito do pensamento deles” (p. 420) e fez pouco mais que “transmitir a teologia reformada de Zuínglio ao resto do mundo” (p. 422). Tais declarações, são associadas a repetição inexata de que Calvino “reinou praticamente como um ditador da cidade” de Genebra (p. 419)”*. Possivelmente a discordância de excelentes autores da teologia cristã contemporânea sobre personagens históricos como Calvino, por exemplo, deva-se a maneira como estes autores compreendem as pressuposições do monergismo e do sinergismo. Seguindo o desenvolvimento dos movimentos da reforma, Olson, trata de outras escolas não menos importantes como o Arminianismo (Armínio), o pietismo com seus quatro pilares (Arndt, Spener, Auguste Franke e Zinzendorf) o puritanismo com Jonathan Edwards, o metodismo com Wesley e o deísmo de Lorde Herbert como sendo um dos precursores da teologia liberal dos séculos XIX e XX. Ao período, reforma protestante, o autor, ressalta o interesse, a influência e o desejo sincero de transformação e renovação destes gigantes reformadores não escondendo do leitor seus inúmeros erros e acertos.

A narrativa, neste momento, avança entre o século XIX e XX, esta é a última seção do livro (Nona parte). Olson discorre sobre as principais linhas teológicas que se adequaram ao período da modernidade: Em primeiro lugar a teologia protestante liberal com sua visão triunfalista que pretendia deixar para trás a *“ortodoxia seca e empoeirada e de tradicionalismo autoritário”* (p.547). Seu maior precursor foi Friedrich Schleiermacher, influenciado pelo iluminismo e pela filosofia de Immanuel Kant e Hegel. Schleiermacher

⁴ *Idem.*



excluiu a revelação que considerava “*autoritária e objetiva*” do centro da religião (p.558) e a substituiu pela “consciência íntima profunda” a que intitula de *Gefühl*. É importante entender que embora a teologia liberal “*fosse uma influência a ser levada em conta na teologia protestante*” (p.547) compreender que o sujeito (interprete) é quem define a natureza das pressuposições, excluindo as Escrituras Sagradas como o objeto contraria o fenômeno da palavra de Deus em linguagem humana.

Posteriormente é abordada a teologia protestante ortodoxa (fundamentalismo) como resposta a teologia liberal de Schleiermacher, Albrecth e Adolf Harnack e as ciências e filosofias modernas céticas e evolucionistas. Além de citar autores fundamentalistas importantes como J. Gresham Machen, e de publicações como o *The Fundamentals*, Olson atribui uma ênfase especial (quatro páginas) ao reconhecido teólogo sistemático reformado do século XIX Charles Hodge. Hodge foi um árduo crítico da teologia liberal de Ritschl e principalmente de Schleiermacher. Escreveu uma extensa obra que se tornou um clássico da teologia reformada conservadora intitulada *Teologia sistemática* editada em três volumes (1871-1873). Esta obra está traduzida e editada para a língua portuguesa em apenas um volume⁵. O Dr. Olson ainda discorre sobre a teologia neo-ortodoxa e sua acirrada crítica ao liberalismo. Destaca as filosofias dos proeminentes teólogos neo-ortodoxos como Karl Barth, Emil Brunner, Richard e Reinhold Niebuhr e Soren Kierkegaard e suas contribuições à teologia do século XX. Em boa parte da seção o autor faz suas argumentações sobre o entendimento neo-ortodoxo de que “*A Bíblia pode se tornar a Palavra de Deus, mas não é o mesmo que ela*” (pg. 585).

O livro termina com as teologias contemporâneas de meados do século XX até os dias atuais retratando elementos não menos importantes como a teologia do processo com a filosofia de Whitehead, a teologia católica romana com Karl Rahner, a teologia da libertação na América do norte com James Cone e na América Latina com Gustavo Gutierrez, Teologia evangélica e a teologia escatológica de Moltmann e Pannenberg. Para uma compreensão mais aprofundada sobre o assunto verificar também GRENZ & OLSON⁶.

⁵ HODGE, C. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Hagnos, 2001, 1.712 páginas.

⁶ GRENZ, S. J & OLSON R. E. *A Teologia do Século 20: Deus e o mundo numa era de transição*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, 464 páginas.



Em linhas gerais Roger Olson proporcionou com seu livro, uma contribuição importante para uma fácil compreensão ou revisão da teologia história tanto para eruditos quanto para leigos sem perder a qualidade técnica e uso de fontes confiáveis. Estabeleceu também considerações para as novas perspectivas de pesquisa e rumos da teologia. Este livro com certeza no contexto brasileiro, como é mundialmente, é uma importante ferramenta para os diversos seminários teológicos, pastores e membros leigos das igrejas.

Referências bibliográficas

BORGES, M. **Porque Creio: Doze pesquisadores falam sobre ciência e religião.** Tatuí: Casa Publicadora, 2008, 224 páginas.

GRENZ, S. J. & OLSON, R. E. **A Teologia do Século 20: Deus e o mundo numa era de transição.** São Paulo: Cultura Cristã, 2003, 464 páginas.

HODGE, C. **Teologia Sistemática.** São Paulo: Hagnos, 2001, 1.712 páginas.

OLSON, R. E. **A História da Teologia Cristã: 2.000 anos de tradição e reformas.** São Paulo: Cultura Cristã, 2001, 668 páginas. Resenha de FERREIRA, F. A História da Teologia Cristã: 2.000 anos de tradição e reformas. *Fides Reformata*, VIII, n. 1, 2003, p. 137-140. Consultado em 10 de novembro de 2010. <<http://www.mackenzie.br/artigos.html>>.